

# **O Boquet d'Angeja**

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

## REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

## ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

## SUMMARIO

A defeza da vinha.  
Revista internacional.  
Noticiario.

## Secção litteraria :

Juizo e educação—R. S.  
Lamento (poesia)—Alice Moderno.  
Cherchez la femme — Lajá Tavares.  
Olhar (poesia)—Teixeira Coelho.  
A... (poesia)—Alberto Rocha.  
A buena dicha—Alberto Costa.  
Na rua da amargura (poesia)—Sergio de Castro.  
Triolets—Almeida Pinto.  
Horas vagas—Almeida Pinto e Narciso d'Albuquerque.  
Folhetins—Makoum e Antonio de Lemos.

ANGEJA, 25 DE MAIO DE 1887

## A DEFEZA DA VINHA

—«Continúa a manifestar-se no Douro uma verdadeira crença no sulfureto de carbone. Todos tratam as suas vinhas, alguns até confiam de mais n'este insecticida porque não escolhem epocha para o tratamento e entregam os injectores a qualquer trabalhador e não reparam no estado da vinha que querem tratar, nem nas doses que devem empregar, consoante a força das cepas e a natureza do solo.

Apesar de tudo isto, em geral os resultados são satisfactorios, a ponto

de haver lavradores que colhem agora, depois de terem phylloxera nas suas propriedades, mais vinho, do que colhiam antes da doença; resultado de melhores grangeios, mais adubos e tratamento conveniente.

Esta crença manifesta-se na extraordinaria procura que tem o sulfureto no deposito da Regoa e nos grangeios extraordinarios que se tem realizado n'uma grande parte das vinhas. Depois que o insecto começou a manifestar a sua acção destruidora os proprietarios, que não acreditavam no sulfureto, grangeavam mal, não faziam renovas, nem levantavam as paredes que cahiam; este anno, como tivemos occasião de observar, fazem-se todos estes grangeios extraordinarios e existe um movimento geral, que é um signal de confiança nos meios que existem, para a conservação da vinha.

Actualmente o deposito de sulfureto da Regoa é o mais importante do paiz. E' preciso visitá-lo para se fazer idéa do movimento, verdadeiramente espantoso, que constantemente ali existe.

Chega a ser necessaria a intervenção permanente da policia para que os empregados possam fazer regularmente a distribuição do insecticida por centenas de passoa, que estacionam á porta do deposito, esperando que lhes chegue a sua vez.

O sr. Ministro das obras publicas fez um bom serviço ao Douro, conservando aquelle deposito por conta do estado.

Está estabelecido que os proprietarios que tiverem barris seus, obtem o insecticida mais rapidamente, do que aquelles que os não tem; porque os barris dos particulares não soffrem demora nos depositos e vão

directamente a encher á fabrica. Portanto, tratem os viticultores de se prevenir com taras, para terem sempre, a tempo, o sulfureto de que precisam.

O zeloso inspector de agricultura do norte, o sr. Rodrigues Gondin, tem emvidado todos os esforços para que as requisições de sulfureto sejam satisfeitas no mais breve espaço de tempo, e procura, pelos meios ao seu alcance, pôr os viticultores ao corrente das formalidades que tem deprehender, para fazerem as requisições cuja falta de conhecimento tem causado embaraços na distribuição. O sr. Correia de Barros emprega eguaes esforços nas regiões do sul.

Devido á boa vontade do pessoal tecnico, e ás modificações que tem sido introduzidas no serviço, de modo a torná-lo mais pratico, a distribuição do sulfureto na Regoa, effectua-se sem grande incommodo para os proprietarios, porque a repartição de fazenda está perto do deposito. Não succede o mesmo n'outras regiões, cujos depositos ficam a distancia das sédes dos concelhos, onde um proprietario que precisa de 20, 30 ou 100 kilos de sulfureto, tem de perder muito tempo a correr da recebedoria para a repartição de fazenda, ficando ainda na contingencia de não haver sulfureto no deposito, depois de o ter pago.

Isto é preciso que acabe. Não chegamos a comprehender a necessidade das requisições com formalidades burocraticas. O que precisamos são depositos abastecidos, que vendam sulfureto a quem se apresenta para o comprar e pagar. Nada mais. Quando os depositos não estão situados nas sédes dos concelhos, os

fieis devem ter uma caução e poder receber a importancia das vendas a retalho.

E' preciso que a direcção geral de agricultura saiba que todas as facilidades são poucas, com os proprietarios, que, geralmente em principio, não empregam de boa vontade o sulfureto de carbone.

Durante o mez de março, sahiram da fabrica 156.969 kilos d'este insecticida, que chegam para tratar cerca de 764 hectares de vinha, é o mez em que se tem consumido maior quantidade.

Vimos n'um jornal que o consumo do sulfureto augmentou extraordinariamente depois da extincção das commissões anti-phylloxericas, parecendo inculcar que o novo regimen facilitou e inspirou maior confiança aos lavradores. E' um engano, o desenvolvimento da defeza que por toda a parte se está manifestando é exclusivamente o fructo de 8 annos de trabalho e de propaganda das extincções commissões.

Ficaremos satisfeitos, se o novo regimen apenas continuar a obra, em que as commissões patrioticamente se empenham;—não será difficil, porque os caminhos ficaram aplanados».

## REVISTA INTERNACIONAL

A crise ministerial em França está aberta. O presidente da republica, snr. Grevy, convidou o snr. de Freycinet a formar gabinete.

Foi agradavelmente recebida esta noticia por parte dos republicanos, visto o snr. de Freycinet ser um

## FOLHETIM

## DIVERSÕES

(Continuado do n.º 11)

Minha prima, que fôra toda ouvidos, não ponde deixar de agradecer-me com palavras cheias de benevolencia, bem entendido, esta tão singela como despretenciosa noticia; e eu d'esta vez não ponde deixar de dizer-lhe que a amava.

—O que para mim não era novidade, me disse uma vez passadas as primeiras impressões da minha declaração ella, porque eu lia no teu coração como no meu proprio, querido Ernesto. Mas, não é verdade que o teu amor é tão sincero como o que me tens inspirado e te consagro do fundo d'alma?

—Já se deixa vêr, minha querida Marianna—lhe respondi, continuando n'um aranzel dos demonios a histo-

riar-lhe toda a grandeza do meu amor que comparava a um oceano illimitado, infinito...

\* \*

No entretanto a tarde ia cahindo e o sol caminhava apressado para o occaso; os seus raios tenues e sem calor vinham refractando-se pelas camadas atmosfericas e banhavam de torrentes de luz suavissima os cachopos que emergiam da superficie das ondas como enormes cabeças de gigantes banhando-se n'aquellas agnas crystallinas.

Observei então a minha prima a necessidade de deixarmos aquelle lugar para voltarmos a casa, onde sem duvida o tio aguardava a nossa chegada com impaciencia.

Pelo caminho, iam os fallando, ora dos nossos affectos, ora das maravilhas do oceano ao qual a sciencia não logrou ainda arrancar os seus maiores segredos, esquadrihando as suas imprescritaveis profundezas, os abysmos, os montes, os valles, as grandes planicies revestidas de florestas espessas, prados viridentes

onde nascem e se desenvolvem ao mesmo tempo os mais pequenos e os maiores vegetaes do globo, onde enxameiam legiões inteiras de animaes de especies curiosas e variadissimas!

—A uniformidade do mar, dizia eu a minha prima, a ninguem fará suppôr a diversidade que encerra. Elle occulta-nos sob as suas profundas camadas liquidas, rochedos enormes, grutas surprehenderes, recessos mysteriosos, campinas deliciosas, uma flora exuberante, uma fauna prodigiosamente variada!

Os raios do sol quando incidirem obliquamente na superficie das agnas hão de soffrer pela refração, como n'um prisma, a decomposição, e hão de irisar com as cores magnificas do arco-iris esses rochedos, esses valles, todas as plantas d'aquellas matas submarinas, todos os objectos enfim, transformando tudo n'uma verdadeira kaleidoscopia de cores vivissimas...

—E então as florestas submarinas são vastas e tão consideraveis como as que por cá temos? interrompen a minha agradável companheira.

—Eu te digo: — só na classe de

algas ha-as tão pequeninas e macias em tal quantidade que são os tapetes dos mares, que dizem poder rivalisar com os que o homem fabrica de mais finos; outras ha gigantescas que chegam a ter mais de 500 metros de extensão. D'esta altura não ha com certeza arvore alguma nos nossos bosques nem nos da Africa, America e Oceania onde algumas especies attingem dimensões colossaes.

As plantas marinhas differem muito das terrestres. Estas absorvem da terra e do ar os materiaes da sua sustentação e por isso se differenciam em dois eixos, um introduzido no solo, ou subterraneo, outro que se eleva á sua superficie ou aerio. Aquellas, ao contrario, vivendo n'um meio homogeneo, não se differenciam, a sua massa é também homogenea, absorvendo toda ella as substancias nutritivas que lhes fornecem as agnas, onde vivem fluctuantes ou fixas ás rochas.

A flora marinha é constituida na maior parte pelas algas de que hoje se conhecem mais de 2.000 especies.

(Continúa).

Makoum.



homem muitíssimo inteligente e habil e ser bastante considerado no estrangeiro.

Dissemos que esta noticia tinha sido bem recebida por parte dos republicanos, porque outra parte não quer de forma nenhuma, que se apõe um qualquer gabinete em que não entre o general Boulanger. Diz-se, contudo, que o general ficará com a pasta da guerra. E quererá elle entrar para o ministerio que for formado pelo sr. de Freycinet?

E consentirá o sr. de Freycinet que o general faça parte do gabinete por elle formado calculando que a permanencia de Boulanger no poder é mais que sufficiente para se declarar a guerra? Os monarchicos odeiam o general, a maior parte dos republicanos não querem ministerio sem Boulanger; como resolverão, pois, os snrs. de Freycinet e Grevy esta milindrosa questão? Veremos.

Na Russia continuam as conspirações dos nihilistas contra o czar; ultimamente constou haver sido descoberta uma nova conspiração entre os cossacos do Don.

Affirma-se tambem que em Novotcherkask foram aprisionados 24 cossacos por ter sido descoberta uma conspiração contra o imperador Alexandre.

Na Belgica todos os dias vão rebentando novas greves. Os mineiros em Charleroi e Chatelet organisaram, depois de varios comícios violentissimos, uma suspensão geral do trabalho.

As tropas cercam as principaes localidades. A gendarmeria já deu fogo contra os grevistas para estabelecer a ordem, e todavia, elles não tem praticado grandes violencias!

E' um mal para a industria, é uma infelicidade para elles, é verdade, mas procedendo ordenadamente, prudentemente, sem se revoltarem como tem feito, não é caso para a gendarmeria fazer alvo de centeaes de homens que se não querem trabalhar, é por se verem sobre carregados d'impostos e por verem augmentar todos os dias os direitos sobre os generos mais necessarios.

Os Estados-Unidos e o Canada não estão muito satisfeitos um com o outro por causa do conflicto das pescarias.

Tendo-se os canadenses recusado a ceder na questão dos barcos de pesca americanos, o congresso dos Estados-Unidos prohibiu a importação de productos do Canada pelo territorio da republica. D'ahi, o Canada levantando-se contra os Estados-Unidos jurando deffender até a ultima os seus direitos desattendidos e affirmando não temer a guerra economica contra os Estados-Unidos.

Se uma das potencias não cede com certeza que não chegam nunca a um accordo, e n'esse caso parecemos que o Canada, apesar de deffender os seus direitos e querer readquirir as suas regalias, não ha-de levar a melhor n'esta questão.

## NOTICIARIO

**Partida.**—E' com a mais profunda saudade que pode sentir um coração humano; é com a maior das dores que pode soffrer a nossa alma que damos a tristissima noticia da partida para o Brazil dos nossos amigos Alfredo e Alberto Pinto da Costa. Ver partir dois mancebos com quem nos sentamos nos bancos das escolas, com quem convivemos todos os dias durante tantos annos e cuja amizade mutua era de verdadeiros irmãos, assistir á despedida d'esses entes tão queridos, sem os quaes não podiamos passar e que tarde ou talvez nunca tornaremos a ver, essa separação, custa muito, muito, muito!

Se d'antes sentiamos o coração cheio de amizade, sentimo-lo agora pleno da mais infinda saudade. Só quem sabe o que é a verdadeira e sincera amizade, a attracção, a sympathia que liga dois amigos é que pode comprehender a immensa dor d'alma que sentimos ao lembrar-mos da enorme distancia que nos separa de Alfredo e Alberto Pinto da Costa. Viemos aqui depor este peñhor de saudade e dizer-lhes um ultimo adeus do verdadeiro amigo que tanto os amou e que só lhes deseja a maior felicidade e ventura que se pode desejar a dois irmãos do coração.

**Estada.**—Está no Porto, onde se demora algumas semanas, o nosso particular amigo, o sr. padre Adelino Corrêa d'Aguiar, sobrinho do sr. bispo-conde.

**Candidatura.**—Está definitivamente decidido ser eleito por Anadia, na vaga do sr. presidente do conselho, o seu secretario particular, sr. Francisco d'Almeida Brito. O merecimento d'este cavalheiro é já bem conhecido no paiz para evitar quaesquer encomios que lhe podessemos fazer.

**Descoberta.**—Até aqui suppunha-se que a coloração das folhas das planas era devido á substancia exclusivamente verde, que ellas continham. Porém Arnand, um joven francez, director do laboratorio do venerando Chevreul, acaba de demonstrar a existencia d'uma materia vermelha crystallizada. Esta substancia vermelha é extremamente importante e acha-se mascarada na coloração da folha pela calorofila, cujas nuances ella modifica.

**Dr. Francisco de Castro Mattoso.**—Parece que este cavalheiro conseguira do governo a permissão de ser fundida no arsenal do exercito a estalua para o monumento que Aveiro quer erigir ao eminente tribuno José Estevam.

O sr. dr. Mattoso apesar de não ser actualmente representante em côrtes do circulo d'Aveiro, põe sempre a sua dedicação e inextinguível actividade ao serviço dos melhoramentos do seu districto.

Deputado mais servicial não o torna a ter o nosso districto, a não ser o mesmo. São prova d'isto todos os serviços que s. ex.ª tem prestado.

**Naufragios.**—Uma estatistica ingleza diz, que de janeiro de 1880 a dezembro de 1883, a Inglaterra perdeu 1:266 navios, não contando os da pesca, nem os que naufragaram em virtude do choque com os gelos fluctuantes.

**Fallecimento.**—Falleceu ha dias o sr. Joaquim Ferreira Machado, intelligente empregado da Procuradoria regia do Porto, sobrinho do sr. conselheiro Adriano Machado, reitor da Universidade de Coimbra, primo do sr. dr. Adriano Machado e irmão do sr. José Ferreira Machado, distincto quartanista da escola medica do Porto.

O infeliz moço tinha sido acommettido d'uma febre typhoide e sobreveiu-lhe por ultimo uma congestão pulmonar, que horas depois lhe terminou a existencia.

Era um empregado distincto, obediante, bem educado e por isso muito bemquisto pelos seus collegas e superiores.

A sua morte causou portanto uma profunda consternação a todos os seus e áquelles que conheciam e apreciavam de perto as qualidades do extinto.

Era muito novo; tinha proxima-mente vinte e cinco annos.

Os responsos por sua alma realisaram-se, no sabbado, na igreja do Carmo, concorrendo alli grande numero de estudantes da escola medica, da qual é alumno, como dissemos, seu irmão José F. Machado. Estavam tambem presentes o mere- tissimo procurador regio, ex.ª sr. dr. Augusto Maria de Castro, seu secretario, sr. dr. Sá Varella, o sr. Sebastião Correia da Costa, director interino das cadeias da relação e mais amigos do finado.

Receberam as chaves do caixão o sr. procurador regio. Sobre o ataude foi depositada uma corôa de perpetuas pelo sr. dr. Adriano Machado.

O caixão foi conduzido do carro funerario para a igreja por seis estudantes da escola medica.

A' sua extremosa familia endereçamos a mais sincera expressão de sentimento.

Fallecen tambem na ultima sexta-feira em Oliveira d'Azemeis, a ex.ª sr.ª D. Evangelina d'Araujo Ribeiro, irmã do nosso amigo, sr. dr. Daniel d'Araujo Ribeiro, dignissimo administrador d'aquelle concelho.

A sr.ª D. Evangelina Ribeiro era uma senhora d'um porte distincto, intelligente, d'uma educação apuradora, d'um coração exornado de excelsas qualidades que a recomendavam immenso na sociedade.

A noticia do seu fallecimento deve causar profunda sensação em todas as pessoas que tinham a ventura de a conhecer e apreciar seus meritos.

Acompanhamos sua inconsolavel familia no eterno desgosto por que estão passando.

**Madrid.**—Na linha do caminho de ferro de Alicante a kilometro e meio da gare do Meiodia (Madrid) foi encontrado o cadaver completamente despedaçado de um guarda do resguardo de consumo. Suppõe-se que na occasião em que se encontrou já deveriam ter passado por cima d'elle dois ou tres comboios.

## FOLHETIM

### SONETOS

A.

I

O sol n'essa manhã rolava ardentemente  
Pelo infinito azul, enchendo de calor  
A atmosphera, o espaço. E toda a casta flor  
Pendia-se na haste emmurchedamente.

Foi então que eu a vi. Logo na minha mente  
Se retratou o olhar cheio de luz e amor,  
Dessa mulher que adoro, um mixto seductor,  
Que nos fere e seduz apaixonadamente.

E hoje quando me falta a luz do seu olhar,  
Suavemente boa e castamente pura,  
Sinto esmagar-me a alma um intimo pesar,

II

Quando te vi minha amada,  
Ideal estremecida,  
Como uma pomba nevada,  
Toda de branco vestida.

A minha alma apaixonada  
Encheu-se d'amor e vida  
Quando te vi minha amada  
Toda de branco vestida.

Bem por sobre o coração  
Trazias tu meu amor  
Uma delicada flor!

Quem me dera ser então  
Essa delicada flor  
Que tinhas no coração.

III

Desde que te vi minha alma apaixonada  
Nunca mais descansou um só momento  
Tua imagem morena e delicada  
Gravou-se-me de vez no pensamento.

Fere-me o peito um grande desalento  
E a minha alma ha pouco socegada  
Anda a viver, criança, n'um tormento  
Que causa pena a pobre, a desgraçada!

Quiz esquecer-te, mas o teu olhar  
Teve a força capaz de subjugar  
Meu livre coração. Honesta e doce

A tua voz harmoniosa e suave,  
Sinto-a ainda vibrar como se fosse  
O gorgelo castissimo d'uma ave.

IV

Não sei que sinto ao ver-te ó minha pomba mansa  
Minha mimosa flor aveludada e pura  
Não sei que luz me vem tão cheia de candura  
Do teu benedito olhar, manancial d'esperança.

Ha muito o meu olhar, o teu olhar procura  
Mas hoje o coração alegre já descança  
Como o revoltado mar em tempo de bonança;  
E não me inunda a alma aquella desventura.

Que tanta vez temi ó delicada flor!  
Hoje nada me importa, a minha alma serena  
Vive da suave luz do teu formoso olhar.

E eu venho-te portanto alegre confessar  
Que me julgo feliz ao pé de ti, morena,  
Que me julgo feliz ao pé de ti, amor!



## SECÇÃO LITTERARIA

## JUIZO E EDUCAÇÃO

**P**ARA casar vossas filhas definitivamente, deve entrar uma parte da vossa vontade e outra parte da sua.

Antes o marido tenha muito boas qualidades que muito dinheiro. Que não seja muito jovem, porque matrimonio de jovens é enlace de bonecos.

Que não seja muito velho, porque seria abrir a vossas filhas o caminho dos extraviados.

O homem e a mulher devem casar-se quando conheçam um pouco o mundo.

Um homem pode conhecê-lo por si só, porém a mulher deve conhecê-lo por intermédio de seus paes.

Deveis procurar que vossas filhas não ignorem, até certo ponto, o mau, para que saibam distinguir o do bom.

Ensinae-lhes a evitar a sedução por meio do raciocínio.

Os agentes principaes do mal são a curiosidade e a ignorancia.

Destruindo a segunda ficam ellas preparadas contra a primeira.

Marido que toma mulher que lhe ignora tudo, toma um passaro encerrado n'uma gaiola.

Aberta a gaiola, consegue o passaro evadir-se; a responsabilidade não é do marido, é dos paes que não cuidaram de ensinar as suas filhas o que era sua futura liberdade.

Não deis largas ao arbitrio de vossas filhas, porém também não obrigueis sua vontade ao casamento. Deus ha feito dos paes bondosos conselheiros dos filhos, mas nunca juizes tiranos.

Amigos respeitaveis, e não verdugos.

Se vossas filhas estão perdidamente enamoradas d'um homem, não vos basta essa condição para cederdes.

O amor põe um anteparo aos olhos do raciocínio. E vós outros não estaes enamorados; reflexionae por vossas filhas, já que ellas ao namorar-se, não podem fazê-lo.

Vede a sangue frio se podem coadunar-se os caracteres.

Não cuidaes uma flôr terna e sensível para ser despojada pelo furacão d'um caracter violento. Também a não entregais a um caracter pusillanime e tímido. Marido subjugado por sua mulher, é um miseravel cuja degradação se despresa e também sua mulher exerce um papel muito baixo.

Todos os homens estão adequados para todas as mulheres, se o caracter d'elles se harmonisa com o d'ellas. Esta é só esta é a chave da harmonia do matrimonio.

De todos os modos inocuae a vossas filhas a convicção de que ellas devem ceder. Cedendo, dominarão mais que dominando. Dois genios dominantes não terão paz nunca, porém se um cede sempre, haverá sempre paz. E isto diz respeito á mulher cujo destino é contrapor á ira a doçura, ao arrebatamento a resignação.

Que não pretendam subjugar seus maridos, que não se entremetam em seus assumptos; e antes de aconselhar esperem ser aconselhadas.

Se quizerem fazer-se fortes, argumentando ou decidindo, estarão fóra de sua esphera e com exposição a cair do pedestal para não mais levantar-se.

Se não ambicionam a autoridade mostrando-se humildes, calando-se quando as provocam e respondendo ás injurias com lagrimas, serão sem-

pre rasoaveis, sempre estarão no seu lugar.

A mulher tem em sua fraqueza uma arma perniciosa. Se usar d'ella com talento, fazendo-se mais debil ainda será rainha da casa, socego do lar, anjo do matrimonio.

Camperetrae vossos filhas de todas essas verdades. Que se disponham para ser boas esposas e se o esposo não aparece logo, que nunca se cansem de esperar. Ri d'esse palavriado dos homens quanto a casamento.

Todos fallam mal das mulheres e se algum não consegue casar-se é pura casualidade.

Enquanto jovens acommettem, mal dizem as ideias conjugaes, bradando ao ceo á unica voz de matrimonio.

Melhor occasião aparece e deixam de clamar.

Então eramos ainda creanças e não nos faziam falta.

Porém depois dos vinte cinco annos, variam muito as ideias! Já se sabe o que dá de si a vida de solteiro.

Custa passar ao lado de tantas mulheres, sem encontrar um carinho que saha de seus labios, sem ter uma mão amiga que se estenda, uma alma que interessada em vossas dores, as acolha e as console.

A familia divide-se; ficamos sós; abandonados moralmente.

E é muito triste entrar em casa a toda a hora e achá-la vazia; sentar-se á meza tendo em frente outro logar vazio... tão vazio como o coração.

E o homem que pensa assim está a meia pulgada do matrimonio.

E depois dos vinte cinco annos, são muito raros os homens que não começam a fallar d'esta maneira.

O auctor sente não poder fallar n'isto por experiencia.

Sua idade não lh'o permite.

Que mais pode succeder? Que se não casem vossas filhas?

N'este caso a vós toca fazer-lhes conhecer que, se bem que seu destino seja o matrimonio, não é absolutamente necessario um homem para que a mulher possa viver.

Sem isto não podeis baixar ao tumulto com a esperança de ter educado bem vossas filhas.

Que nunca, por vossa causa, encontrem dura sua situação depois de tomar estado.

Que nunca possam amaldiçoar-vos n'um arrebatamento louco.

Cuidado de que a sua educação e suas boas qualidades lhes conservem algum atractivo para depois que passe a juventude e a belleza.

Que a falta da formosura as não deixe sós.

Que se não resuma todo o seu encanto em coisa tão breve.

O circulo dos deveres d'um pae é immenso.

Deveis ensinal-as a ser discretas por isso mesmo que a discrição é tão difficil.

Deveis fazer-lhes odiar o luxo que, além de consumir os maiores cuidados, é espantallo terrivel para os maridos.

Deveis também preparar sua intelligencia e seu coração para que saibam envelhecer, que é uma das questões mais difficis para o sexo feminino.

Cada anno que passa, deve deixar atraz umas quantas illusões loucas, a cambio de alguma razão pura.

E' necessario dar a cada coisa a sua epocha. As emoções e sentimentos arrebatados devem socegar-se. Só as ideias devem ser sempre rasoaveis, dignas e virtuosas.

Com a boa educação dada a vo-

sas filhas, não só as fareis boas esposas, senão que as preparaes a ser boas mães.

Ainda que a natureza dote os filhos de instinctos perversos, está na mão dos paes, senão remedial-os, suavisal-os. Porém não descuideis no principio as faltas.

Não deixeis nada para depois.

Fazei, finalmente, que reflexionando n'este sentido que é o termo d'uma vida de bonecas e o principio d'uma outra de dever não tomem nunca como recreação o acto mais formal da existencia.

E se procedendo d'esta maneira forem felizes, a vós deverão grande parte de sua felicidade.

Se forem desgraçadas, nunca poderão culpar-vos, e vossa consciencia ficará tranquilla.

N'um e outro caso, se daes a vossas filhas verdadeira educação, já não sereis origem de que alguma vez percam o juizo.

(Trad. do hespanhol).

(Conclusão).

R. S.

## LAMENTO

Sinto que vivo, porque vou morrer.

Hamilton d'Araujo

Eu julguei que pudesse atravessar o proceloso Oceano d'esta vida, só tendo por pharol, bussola qu'rida, a luz do teu sombrio e doce olhar.

Breve foi essa esperança desmentida, o teu amor partiu p'ra não voltar; e eu sosinha fiquei no immenso mar, a ver se ainda alcançava a fé perdida.

Debalde suppliquei! A Providencia não se compadeceu da dor immensa, na qual julgo encontrar acre prazer.

Reconquistar não pude a ardente crença, e hoje, no santuario da consciencia, "Sinto que vivo, porque vou morrer!",

Alice Moderno.

## Cherchez la femme...

**E**RAM quasi quatro horas da tarde.

Uma linha de trens de praça estacionava no lado occidental do Terreiro do Paço, e debaixo da arcada havia ainda alguns grupos parados, conversando.

O doutor, á esquina da rua do Ouro, fallava com dois sugeitos vestidos de preto, sobre casacas compridas abotoadas, cara rapada e muito trigueiros. Eram padres carnis: iam saber o resultado d'uma pretensão para o Ultramar.

—Fallei com o ministro. Descansem.

Estas coisas não se fazem assim, de repente. E' preciso tempo. Mas elle promettera e não falta.

—Muito obrigado a v. ex.ª Voltaremos então amanhã?

—Amanhã? não... diabo! amanhã é dia d'Anno Bom: estão as repartições fechadas. Na sexta-feira... Minha senhora... Como passa v. ex.ª?

E descobriu-se muito respeitoso, todo risinho. Passava uma mulher elegante, que atravessou o passeio e seguiu rua acima.

—E' a viscondessa de Santo Amaro, uma esplendida mulher, como vêem...

Os dois padres tinham um ar acanhado e um sorriso servil, quasi humilde. Sentiam-se pequenos, insignificantes ao lado do doutor, que tinha tanta influencia, que fal-

lava com os ministros a toda a hora e que conhecia o alto mundo.

Seguira com o olhar a fidalga, que parara a poucos passos, para conversar com um rapaz alto, de bigode em arco, luva cinzenta e monoculo.

Devia ser um nobre, com aquelle ar desembaraçado e porte distincto.

Comparavam-se com elle e acharam-se mesquinhos, inuteis, burgozes, tímidos.

O doutor parecia ter os esquecido e fixava de longe a viscondessa.

—Na sexta-feira então...?

—Sim, sim; quando quizerem... Já sabem...

Os dois despediram-se timidamente, tirando o chapéu, e estendendo a mão, muito acanhados.

—Senhor doutor...

—Então adeus! já sabem...

E enfiou pela rua do Ouro, atraz da mulher, que já ia ao principio do segundo quarteirão. Apressou o passo.

Mais adiante a viscondessa parou em frente d'uma montra de ourives. Na porta seguinte era a entrada para um restaurante.

O doutor deteve-se ao pé da vidraça, mas deu logo um passo atraz, sacudindo o sobretudo com um gesto de repugnancia.

Com a cara encostada ao vidro, um rapasinho descalço olhava para dentro, enlevado nas carnes frias, nas perdizes coradas, nos pratos de camarões amontoados, que o tentavam. Uma camisola rota nos cotovellos punha-lhe a descoberto os braços magros, roxos de frio. D'entre as abas caídas d'um chapeo velho saiam-lhe farripas espessas de cabelo castanho, emaranhado.

O doutor sentiu tentações de lhe bater, de enxotar daquelle vagabundo, que lhe sujara o casaco, que impedia o tranzito, aquelle vadio immundo que produzia náuseas. Odiava todos os pobres que pedem pelas ruas, fazendo exposição de misérias, misérias em que não acreditava.

—São uns intrujões!—dizia—Pedem por calculo! Vão trabalhar! Ninguém morre de fome...

E quan' o algum lhe estendia a mão; de noite, nos recantos mais escuros das travessas, elle voltava a cara, não respondia, não olhava. Odiava-os.

O pequeno continuava immovel ao pé do vidro.

O doutor ia tocar-lhe com a ponteira da bengala mas n'este momento viu que a viscondessa, de longe, examinava o rapazito.

No olhar da fidalga havia uma expressão de dó, que o fez córar. Sentiu logo um grande desejo de fazer bem, de exercer a caridade, de se mostrar grande, philantropico, de evidenciar o seu bom coração; e, fingindo não saber que o observavam, aproximou-se da creança.

—Como te chamas tu, ó rapaz?

O pequeno voltou-se. Era pallido, franzino, olhos grandes, tristes, beiços delgados, chloroticos. Poz o olhar vago no doutor e respondeu timidamente:

—Eu sou João...

—Tens fome?

A creança tornou a fixar a vidraça, n'uma attracção irresistivel.

Quando voltou a cabeça, corriam-lhe duas lagrimas pelas faces.

O doutor sentiu-se commovido.

Era a primeira vez que isto lhe acontecia. Devia ser verdadeira aquella miséria silenciosa. Não se é actor e hypocrita aos sete annos. Esqueceu quasi a viscondessa e metheu a mão ao bolso.

N'este momento ouviu uma voz ao lado:

—Não, doutor: leve-o lá dentro e dê-lhe de comer.



—Tem rasão, minha senhora; tem.  
—Vá, vá. Quem dá aos pobres, empresta a Deus...  
E a fidalga, chamando um trem que passava, mandou seguir para o Salitre.

O doutor ficou um instante parado, absorto, meio envergonhado, pensando, zangado consigo próprio, repugnando-lhe o primeiro impulso de se fazer valer aos olhos d'uma mulher, exercendo a caridade que se mostra para ser adulada e conhecida.

—Miserável! E somos todos assim!

Mas sentia já a consciencia tranquilla. A commoção que experimentava era sincera: absolvio-o.

Chamou o rapasito e entrou no restaurant.

—Que queres tu, dize lá?

—Eu... eu tenho fome...

—Oh! rapaz! traze carne assada, pão e vinho...

—Mas é que eu... não quero comer...

—Então tu tens fome e não quero comer?

O pequeno baixou a cabeça, e apontando para o pão que o criado trazia, disse, entre dentes, n'um soluço:

—Deixe-me levar só aquillo.

O doutor começou a arrepender-se da sua generosidade.

—Queres levar o pão?

—Sim, senhor...

—Então porque não comes?

O pequenito callou-se.

—Vamos, responde!

E o doutor tinha os olhos quasi irado e a voz rude.

—E' porque a minha mãe também tem fome...

Meia hora depois havia um jantar de festa n'um miserável rez-do-chão, á Graça.

Uma mulher e uma creança festejavam o dia do Anno Bom.

Um olhar de mulher convertera um descrente. A duvida cedera o lugar á caridade, e mais uma vez se confirmava a phrase: — *cherchez la femme.*

Lajá Tavares.

## OLHAR!

*Eu conheci-te ainda bem criança.  
Tinhas nos olhos a ideal doçura  
Das virgens de Murillo, e a illuminura  
D'um diamante em densa e negra trança.*

*Loiro! bem loiro, o teu cabelo! e casta,  
Tão casta e linda a cor dos olhos teus,  
Que inda hoje mesmo um teu olhar me basta  
Para que eu creia cegamente em Deus!*

*Olhar tão terno e santo, olhar tão doce  
Nunca encontrei! a gente até estremece  
Vendo-a de perto... assim como se fosse  
Uma visão que alli apparecesse!*

*Pois esse olhar... (se tu soubesses bem  
Quanto elle anima um coração já morto!...)  
Acaricia mais que o olhar de mãe,  
Porque é, emfim, o meu melhor conforto...*

*Até n'um dia da semana santa,  
Ao ver-lhe o olhar, tão meigo e contristado  
Aquelle olhar que nos attrahe e encanta,  
Fui prostrar-me a seus pés, allucinado,*

*Assim como Romeu de Shakspeare,  
N'um extasis d'amor extraordinario!  
E' que eu imaginei que ia a sair,  
A'quella hora, a Virgem do Calvario...*

Teixeira Coelho.

## A...

a Eduardo Lopes

Se fosses minha ao menos um instante  
Faria meigamente d'esse olhar  
Um sonho suavissimo e oscilante  
Tecido pelos raios do luar.

Porto, 87. Alberto Rocha.

## A BUENA-DICHA

(a M. F. da Silva Pereira)

ERA noite escura, sem estrellas; d'essas noites pouco serenas que annunciam chuva; era segunda-feira do carnaval. As ruas da cidade de ordinario tão desertas, viam-se agora transitadas por innumerables pessoas. De todas as casas sahiam familias que se dirigiam a bailes carnavalescos. Os theatros começavam a encher-se, os particulares reunião os seus conhecimentos; salões de sociedades e edificios publicos por uma diminuta quantia amontoavam nas salas milhares de pessoas. Entre essa multidão enorme e folgazã que percorre doidamente as ruas, vamos encontrar parado a uma esquina, embuçado até aos olhos silencioso, evitando ser visto, um homem que parece esperar alguém. Não lhe vemos as feições, mas temos a certeza de ser o conde d'Armond. Depois de ter estado muito tempo n'aquelle sitio principiou a andar, n'um passo ligeiro, percorrendo umas poucas de ruas levando encontros a todo o instante, apressando o passo cada vez mais até ir ter a um largo. Ah! parou, olhou em volta, afastando-se ao mesmo tempo d'uma porta que se abria para dar passagem a dois individuos que sahiam conversando:

—Na verdade, é muito curioso o que me dizes, disse um.

—Porque, não acreditas? perguntou o outro.

—Não, ninguém pôde adivinhar o futuro.

—Ninguém? Adivinha elle. Anda e verás; o cigano espera-te.

—Pois bem; eu vou.

—Olha, eu era como tu; tambem não acreditava, mas agora...

O conde não pôde ouvir o resto porque os dois individuos já iam longe. No entanto seguiu atraz d'elles por uma rua estreita e viu-os entrar n'um portal escuro. Ah! parou, estava só e murmurou—Adivinhar o futuro? Um cigano? Será possível? Oh! não, não creio! Mas, emfim, hei-de lá ir. Novo, fidalgo, sem familia, pobre, sem ter esperanza em nada, a não ser no descanso eterno valendo-me do suicidio, oh! quero saber o meu futuro!

Passados instantes, sahiram dois vultos conversando baixo.

O Conde entrou caminhando ás escuras, subiu umas escadas mal alumadas e bateu a uma porta. Ia resolutio.

Esperou e enquanto esperava começou a examinar tudo o que o cercava, porém nada havia digno d'apreciar. Por cima da porta onde batera lia-se em letras d'ouro: *Luiz Bohemio*. Esperou pouco, porque a porta abriu-se. O fidalgo tinha diante de si uma sala ricamente mobiliada; luxo oriental desde o estuque até ás tapeçarias, gosto e riqueza imperavam alli. Uma unica luz alumava a sala, luz pallida, oscillante.

Ao fundo, n'um divan carnezim, alguém estava sentado. O conde era corajoso, amava as aventuras até, mas em certas occasiões o systema nervoso acordava e nós trememos ou de medo ou então de espanto. Caminhou vagaroso até ao divan.

Quem ahi estava parecia ser homem bastante novo, tinha o rosto vedado por mascara de seda preta. O mascara ao vér que tinha diante de si um estranho disse brandamente. Queres saber o teu futuro?

—Sim, disse o fidalgo.

—Vou ler-t'o na palma da tua mão.

—Ahi a tens.

Emquanto o cigano percorria com o dedo algumas linhas da mão do conde, parando de vez em quando, o fidalgo procurava atravez da mascara do desconhecido o rosto que alli estava escondido.

(Continúa).

Alberto Costa.

## NA RUA DA AMARGURA.

*Oh! minha doce irmã, quem me diria,  
A mim, que retratei a tua imagem,  
Que no correr veloz d'esta viagem  
Sem te reconhecer te encontraria!*

*Dizem-me seres tu! Serás, Maria?  
Mas então, immensissima voragem  
Te arrebatou, faminta, na passagem,  
A eterna primavera de alegria!*

*O mesmo mar, vem és; o mesmo ceu;  
Aquelle que nos viu, nos conheceu  
A crer na flor azul—de nome esp'rança...*

*Só tu mudaste, minha pobre irmã!  
Poder crul fez noite essa manhã,  
Alma toda de luz, triste criança!*

Sergio de Castro.

## TRIOLETS

IX

Tu és um anjo ridente  
Que a minha vida enebria  
N'esse eterno amor ardente;  
Tu és um anjo ridente,  
Men prazer, minha alegria,  
Amor casto, puro, ingente,  
Tu és um anjo ridente  
Que a minha vida enebria.

X

Amando-te só, na vida  
Não nutro um outro desejo  
Do que possuir-te querida.  
Amando-te só, na vida  
O que immensamente almejo  
E' no teu peito guarida;

Amando-te só, na vida  
Não nutro um outro desejo.

XI

O teu rosto meigo e terno  
Suave porvir me assegura,  
N'um amor continuo, eterno.  
O teu rosto meigo e terno,  
Berço de tanta candura  
E d'um sorrir sempiterno,  
O teu rosto meigo e terno  
Suave porvir me assegura.

XII

Oh! virgem dos sonhos meus,  
Oh! virgem que eu idealizo,  
Tu és um anjo, o meu Deus,  
Oh! virgem dos sonhos meus,  
Quero, dos teus, um sorriso.  
Dá-me um sorriso dos teus;  
Oh! virgem dos sonhos meus,  
Oh! virgem que eu idealizo!

Almeida Pinto.

## HORAS VAGAS

### LOGOGRIPO

Ao snr. Narciso d'Albuquerque

Em paga da camelia, outra flor  
Lhe offerece o auctor dos "Triolets";  
E por quem é senhor, não se encomode;  
Se não para outra vez  
Em logar d'uma só flor, serão dez.

Nos labios a cada passo,—6, 7, 3, 3, 5, 6, 7.  
Purpureos, avermelhados,—1, 2, 4, 2, 3, 5, 1, 7, 6.  
Eu via que era já velha—4, 2, 3, 4, 2, 6, 6, 2.  
E algoz dos encarcerados — 4, 2, 3, 3, 2, 6, 4, 7.

Ao prestar-lhe o meu auxilio—6, 7, 4, 4, 7, 3, 3, 7.  
Queriam-lhes dar esta ave — 4, 2, 3, 2, 4, 2, 3, 2.  
Foi preciso segredar—4, 5, 4, 5, 2, 3.  
Em lance tão mau e grave. — 3, 5, 6, 4, 7, 6, 7.

O conceito meu amigo,  
E' flor: outro não digo.

Almeida Pinto.

### CHARADA NOVISSIMA

a Julio Rodrigues F. Guimarães

2 2—Que deleite! Que delicia! Mas que fel!...  
Porto. Narciso d'Albuquerque.  
Decifração do logogrifo do numero passado:—CAMELIA.

## ANNUNCIOS

## VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.<sup>a</sup> UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.  
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.  
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.  
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRY-TAL. tanto de primeira como de segunda qualidade.



E' já bem conhecida a superioridade d'estes vernizes. Dá-se amostras a quem as pedir

### PREÇOS

Verniz Flatting, de 1.<sup>a</sup> qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.<sup>a</sup>, 15800 reis.  
Verniz Crystal, de 1.<sup>a</sup> qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.<sup>a</sup>, 25000 reis.  
Desconto para revender.

IMPRENSA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.